



Destruição >>> Essa é a quantidade de minério extraído, por mês, de 100 pontos de garimpo

Terras perdem duas toneladas de ouro

O rico subsolo da terra indígena yanomami atrai garimpeiros ilegais há várias décadas, mas maior concentração aconteceu no final dos anos 80. Davi Kopenawa atribui a corrida do ouro à terra yanomami ao incentivo dado pelo governo do então presidente José Sarney (1985-1990) e pelo o presidente da Funai da época, Romero Jucá (hoje senador pelo PMDB).

A tragédia que quase abateu seu povo está sempre viva na mente de Davi, que teme a repetição daquele drama. “Foram eles que derramaram o garimpeiro na terra yanomami. O Romero Jucá empurrou 40 mil garimpeiros na maloca Papiú, autorizando eles. Trouxeram avião e helicóptero. Os parentes começaram a pegar malária, tuberculose, doença venérea... O homem branco tem sangue contaminado”, lembra Davi (leia entrevista completa na página 8).

Após a homologação da terra indígena, em 1992, no governo do ex-presidente Fernando Collor, depois de muita pressão internacional e da Organização das Nações Unidas (ONU), a presença de garimpeiros foi reduzida, mas uma nova onda ganhou forças nos últimos anos.

Diferente dos primeiros garimpeiros, os atuais são homens e mulheres que trabalham para grandes empresas, muitas delas ligadas ao narcotráfico, que nunca se abatem financeiramente com as operações pontuais na região para desativar garimpo ou destruir pistas de avião.

O chefe da Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami e Ye'kuana, vinculada à Funai, com sede em Boa Vista (RR), João Catalano, calcula que, mensalmente, são retiradas duas toneladas de ouro da terra dos yanomami.

João Catalano estima que, atualmente, 800 pessoas trabalham em pelo menos 100 pontos de garimpo na terra yanomami, tanto do lado de Roraima quanto do lado do Amazonas, concentrando-se, sobretudo, nas calhas e nascentes dos rios, diferente de antes, quando eles atuavam mais nas serras e grotões. “As crianças estão doentes e morrendo. Há casos de diarreias, de câncer de garganta e insuficiência renal”, contou.

O ponto considerado mais rico está localizado na calha da Serra Parima, próximo à Serra do Surucucu, fronteira com a Venezuela. Já o ouro considerado mais “puro”, segundo Catalano, está na região de Maturacá, terra dos yanomami sobreposta pelo Parque Nacional do Pico da Neblina, no Estado do Amazonas, no Município de São Ga-



Em decorrência da mineração, crianças estão doentes e morrendo. Há casos de diarreias, de câncer de garganta e insuficiência renal

briel da Cachoeira.

“Antes da demarcação, o Romero Jucá liberou o garimpo na área. Depois, houve uma operação da Polícia Federal e do Exército que retirou mais de 20 mil garimpeiros. Teve um esfriamento, mas no ano de 2000 começou a pressão. A Polícia Federal falava que não tinha. Quando a Frente de Proteção Yanomami foi criada, em 2011, começamos a implementar as ações”, diz.

Segundo Catalano, o garimpo se intensificou devido à alta do ouro no mercado internacional. “Cinco anos atrás, o grama custava R\$ 40. Hoje, está R\$ 122. Quem financia o garimpo são os mesmos que financiam o narcotráfico. Existe uma rede de aliciamento em Roraima, no Amazonas e no Nordeste. Os caras vêm no canto da sereia e são jogados no mato”, comentou.

FISCALIZAÇÃO

Desde que a Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami e Ye'kuana entrou em atividade, há um ano, a Funai aumentou a fiscalização. Mas Catalano admite que ações pontuais não são suficientes. Mais importante, segundo ele, é prender os financiadores do garimpo e este papel é da Polícia Federal.

Nos últimos dois anos, João Catalano diz que operação da Funai com a Polícia Federal explodiu 42 balsas, desativou 42 pistas de avião e retirou 200 garimpeiros da terra yanomami. Mas as empresas que financiam a atividade, cheia de posses, conseguem reconstruir em outras áreas.

Há duas semanas, durante o voo que os levaram até a aldeia Watoriki, onde participariam da assembleia, Catalano e outros funcionários da Funai conseguiram identificar pelo menos dez novas pistas clandestinas em funcionamento.

“As empresas que financiam os garimpos se reorganizam muito rápido. Uma balsa fatura três quilos de ouro durante um mês de trabalho. Tem muita gente que tem dez balsas”, diz.

Os impactos ambientais causados pelo garimpo ilegal vão além da terra dos yanomami. Eles se alastram pelas correntezas dos afluentes e chegam até o rio Branco, que faz parte da bacia do rio Negro, no Amazonas. O mercúrio e o material pesado usados na extração do ouro jorram da nascente se espalham para muito mais longe. “Essa contaminação pode chegar até a sua cidade, Manaus, porque o rio Negro também é afetado”, alertou Catalano.

Para o coordenador Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami, a regularização da mineração em terra yanomami vai ser “uma catástrofe” para este povo.

Combate >>> Grupo de yanomami se revoltou ao flagrar a extração de ouro próximo à fronteira

Confronto com garimpeiros

No último final de semana, uma nova ação da Funai poderia ter terminado em tragédia. Durante operação da Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami e Ye'kuana para desativar novos pontos de garimpo, um grupo de índios yanomami tentou matar garimpeiros que foram flagrados extraíndo ouro na calha do rio Couto Magalhães, próximo à fronteira com a Venezuela.

João Catalano conta que os yanomami, indignados, não mata-

ram os garimpeiros porque os servidores da Frente impediram. “Os índios estão revoltados com a omissão do Estado brasileiro em relação ao combate ao garimpo. A Funai sozinha não tem recursos e pessoal suficiente para combater o garimpo”, contou Catalano.

Na avaliação dele, o Exército, a Polícia Federal e até mesmo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) têm o dever legal de atuar na repressão ao garimpo. “Os yanomami estão que-

rendo combater, eles mesmos, o garimpo. Isso pode levar a um banho de sangue tanto de garimpeiros quanto de índios”, alertou.

A exploração de garimpo ilegal desarticulada durante a operação do último final de semana estava ocorrendo a 10 quilômetros de uma comunidade de índios isolados identificados como Moxahatheri.

Os oito garimpeiros presos foram entregues à Polícia Federal - quatro conseguiram fugir. Os equipamentos (motores, fre-
eizer, televisão, antenas, entre

outros) foram destruídos pelos próprios yanomami.

Catalano conta que o garimpo foi identificado durante o voo que os funcionários faziam até a aldeia Watoriki, para participar da assembleia. Para chegar até o local do garimpo, o grupo viajou durante três dias pelos rios Mucajá e Couto Magalhães. “Neste momento toda a região do Couto e de Mucajá está livre de garimpo. Mas têm outra calhas de rios que estão lotadas de garimpo como Uraricuera, Catrimani e Apiatú”, afirmou.



Semana passada, garimpeiros foram vistos em ação por equipes da Funai e PF